

CARTA ABERTA DOS ESTUDANTES DA ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
– SERGIO AROUCA – À FIOCRUZ

Temos acompanhado o cenário de disputa ideológica e política que se acirra com o prolongamento da greve e acreditamos ser esse um momento propício e importante para suscitar o debate junto aos estudantes também, visto que a visão crítica permite que nos posicionemos com mais confiança e sabedoria diante dos fatos.

Essa carta tem o propósito de reiterar nosso posicionamento já anteriormente explicitado de apoio à greve dos trabalhadores da Fiocruz, que lutam não somente por recompensas salariais, como é um movimento de resistência ao desmonte dos serviços públicos, sobremaneira dos serviços do Sistema Único de Saúde. Cabe lembrar que a própria ENSP foi importantíssima na articulação e impulsão do movimento sanitário, que logrou conquistas salubres na saúde como a construção do SUS. Essa mesma casa continua capitaneando a função de formar quadros para a saúde pública – sanitaristas que devem lutar pela manutenção do direito à saúde e pelo avanço na implementação da política que garante a execução do mesmo.

Sendo assim, nós estudantes acreditamos ser premente resgatar o debate sobre a situação política e econômica do país, situando nela o caso da saúde pública. Não é possível formar bons sanitaristas de forma descolada da discussão sobre a realidade nacional, seja ela qual for, visto que esses profissionais só terão campo de trabalho se defenderem a manutenção da saúde como direito, portanto é preciso se inteirar da condução das políticas.

Gostaríamos de manifestar, assim, nosso repúdio com relação à decisão pelo retorno das aulas, por considerar que isso enfraquece o movimento como um todo e por ver que a mesma foi tomada sem um profundo debate com os estudantes, além de dificultar ainda mais a participação dos mesmos nas atividades de greve. Ademais, em muitos momentos falou-se pelos estudantes na argumentação de defesa da volta às aulas, sendo que o Fórum de Estudantes – entidade que tem por função representar o corpo discente – não foi consultado para que se chegasse a esse argumento. Nesses momentos falou-se que estudantes estariam colocando pressão pelo fim da greve. Perguntamos então: estudantes falando de forma individual podem representar o interesse do coletivo? Acreditamos que os estudantes têm que se unir para levantar suas próprias pautas, que vão muito além desse momento de greve, e utilizar desse espaço de representatividade – que é o Fórum – para colocar sua posição e lutar para que ela seja a do coletivo.

Entendemos, igualmente, que o processo de formação não se encerra na sala de aula e nem se faz possível somente com uma sala de aula. O retorno das disciplinas chega até mesmo a trazer alguns problemas aos estudantes, visto que outros serviços dos quais necessitam não estarão disponíveis. Os estudantes, que têm desconto no restaurante da ENSP, terão de arcar com custos

mais elevados ao fazer suas refeições em outro local; a biblioteca estará fechada impossibilitando acesso ao acervo; o ônibus da instituição que os transporta até a Av. Brasil ou ao metrô/trem não estará em funcionamento; os computadores do 4º andar não estarão disponíveis, assim como não se poderá contar com os profissionais que auxiliam em questões técnicas, citando alguns dos problemas. Enfim, voltar às aulas parece ser uma medida que atende muito mais à lógica produtivista imposta pela CAPES do que aos interesses estudantis. Vale lembrar ainda que não se viu nesses espaços a problematização da situação dos estudantes: não se defendeu mais desconto na alimentação ou mesmo a concessão de um vale-refeição, não se defendeu transporte gratuito, reajustes nas bolsas, etc, ou seja, não é somente com a volta das aulas que a situação dos estudantes estaria melhor ou pelo menos garantida.

Não se alterando esse quadro de retorno das aulas, o Fórum dos Estudantes defende que se concretizem as propostas de levar às salas a contextualização da greve, o debate sobre a saúde pública e sobre a situação vivida pela Fiocruz, inserindo toda uma problematização sobre as questões políticas, econômicas e sociais que estão postas na sociedade. Defendemos fortemente a realização de mais atividades de greve, sejam elas palestras, rodas de debate em sala ou outro lugar, mas que não se deixe passar esse momento de crise para suscitar um debate mais profundo sobre as várias questões que já foram mencionadas. É preciso que a ENSP recupere e fortaleça seu papel de luta na defesa do SUS e, para tal, os estudantes devem estar inseridos nos debates para comprar essa bandeira e levar a cabo o movimento sanitarista.

Gostaríamos também de manifestar nosso repúdio à política da CAPES/CNPq, que deixa cada vez mais claro o seu papel de opressor dos trabalhadores – professores, estudantes, pesquisadores, etc – da pós-graduação, provocando exaurimento intelectual dos mesmos através das exigências do produtivismo acadêmico: uma espécie de "linha de produção" de pesquisas e produções científicas e acadêmicas, que preza a quantidade sem olhar mais atentamente a qualidade do que é produzido, que ignora as especificidades das diferentes áreas de conhecimento envolvidas no processo produtivo, o tempo do humano na produção e o papel político da produção acadêmica e científica. Trata-se de uma lógica de valorização excessiva de realizar ciência pelo método quantitativo em detrimento das abordagens qualitativas (mais demoradas pela própria natureza dialética que demanda), clara alusão ao princípio cartesiano de divisão e compartimentalização na forma de entender o mundo e produzir conhecimento. Tal lógica implica, dentre outras coisas, na desvalorização (ou desconsideração) das ações de extensão como ações produtoras de conhecimento e avanço social; desvalorização das Humanas e Sociais como áreas de conhecimento frente as abordagens quantitativas, naturalmente mais "produtivas" pela rapidez em que uma análise desta natureza pode ser realizada; e, sobretudo, em forte desgaste da saúde dos trabalhadores, pressionados por prazos cada vez mais curtos e exigências de produção desumanas.

Nesse sentido, essa carta apresenta as demandas dos estudantes colocadas em Assembleia no dia 25 de agosto de 2015, reiterando sua posição contrária à normalização das atividades na ENSP e defendendo a ampliação dos debates sobre a situação, colocando em pauta não somente a questão dos trabalhadores da Fiocruz, como a lógica produtivista que tem regido a pós-graduação e a situação da saúde pública no Brasil de forma geral.